



O CAMPONÉS

ORGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

UNIDOS E EM MASSA LIBERTARAM OS SEUS FILHOS

Os grandes agrários alentejanos que julgam poder dispor da vida dos trabalhadores a seu belo prazer, ordenarem que alguns camponeses de Baleizão que trabalhavam numa estrada fossem despedidos porque precisavam deles para as sementeiras. Uns 6 ou 7 de entre eles não aceitaram o despedimento e disseram, muito justamente que só iriam trabalhar para os agrários se lhes dessem melhores jornas. Por esta razão, foram chamados ao posto da GNR para serem interrogados pelo tenente Moura. Logo que constou entre o povo que os trabalhadores estavam presos, começou a juntar-se gente, em número sempre crescente, em frente do posto. Ouviram-se vozes indignadas que reclamavam a libertação dos trabalhadores e a dada altura o povo começou a avançar para o posto. Então, a sentinela tocou a campainha de alarme e logo praças da GNR apareceram a pedir calma. Momentos volvidos, OS TRABALHADORES FORAM LIBERTADOS.

Esta luta é um belo exemplo de como o povo pode impedir a acção das forças repressivas, quando luta unido e em massa. Mostra-nos também, como noutras localidades o povo se pode opor à repressão e como a amnistia é uma tarefa ao nosso alcance desde que nos saibamos unir e lutar por ela sem desfalecimento.

O ENGENHEIRO CUNHA LEAL É O CANDIDATO DA OPOSIÇÃO

NAS ELEIÇÕES PARA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Eng. Cunha Leal aceitou, segundo diz um manifesto assinado por cerca de 200 democratas de todo o País, ser candidato das forças democráticas nas eleições para a Presidência da República que devem realizar-se já em Maio.

Democrata de grande prestígio, que ao longo de toda a existência do regime fascista no nosso País, sempre esteve na Oposição, o Eng. Cunha Leal tem todas as condições para conquistar o apoio da imensa maioria dos portugueses.

Ainda em 23 de Outubro último, num notável artigo do jornal «Diário de Lisboa», Cunha Leal escrevia, referindo-se aos problemas do campo, «que os salários dos trabalhadores camponeses são dos mais baixos da Europa» e «que seria indispensável um sensível aumento destas remunerações e dos ganhos dos rendeiros» para se obter mercado para a produção industrial em crise. Cunha Leal referiu-se também à necessidade de uma reforma agrária, com a divisão dos latifúndios, à necessidade do «aumento dos prazos de arrendamento dos prédios agrícolas», à «diminuição das suas rendas, quando excessivas», «ao acréscimo dos salários, crédito agrícola facilitado a taxas de juro baixas» e ainda à necessidade de «redução do número de intermediários entre o produtor e o consumidor», etc.

As ideias agora apresentadas pelo Eng.º Cunha Leal merecem o nosso aplauso e coincidem com ideias que o jornal «O CAMPONÉS» há muito vem colocando.

Como é sabido, a vida que a agricultura oferece é de miséria e desemprego para os trabalhadores e de canceiras e dificuldades para todos os mais que vivem da terra, com exclusão de um punhado de grandes agrários latifundistas e salazaristas.

Os trabalhadores lutam época após época, ano após ano, por melhores salários e, se melhoram de momento os seus ganhos — o que tão importante é —, logo em seguida lá estamos de novo desempregados ou a ganhar baixíssimas jornas, «das mais baixas da Europa». Os camponeses, se uma ou outra vez se safam um pouco melhor na venda dos seus produtos agrícolas, logo em seguida vêem a sua situação piorar e maiores são as suas dificuldades. No entanto, hoje há fortunas como nunca se viram no nosso País, como diz o Eng. Cunha Leal no mesmo artigo há «fortunas fabulosas». Para que uns tenham muito, a grande maioria está na miséria. Com providências da parte do governo não há que contar, promessas são palavras que os salazaristas não respeitam e... nós ficamos com a nossa fome.

As melhorias nos nossos ganhos ou o emprego só os temos obtido através da luta de todos bem unidos. Mas melhoramos só por um tempo e depois voltamos à mesma

miséria e dificuldades. É por isso que temos todos, numa acção unida, que modificar a política do nosso País e que lutar para que vão para o Poder homens honrados e da nossa confiança, capazes de resolver os problemas nacionais não a favor do punhado de tubarões salazaristas, mas a favor de toda a Nação.

A nossa vida não pode continuar assim. Há que mudar este estado de coisas rapidamente. Entretanto, e como passos para essa mudança maior, vamos lutar ainda mais e mais unidos por melhores salários, contra o desemprego, etc, para que a nossa miséria diminua.

Façamos ouvir nesta Campanha Eleitoral os nossos representantes, expondo as nossas dificuldades e reivindicações e exijamos que sejam tomadas medidas sérias.

FORMEMOS POR TODA A PARTE COMISSÕES E MAIS COMISSÕES DE APOIO À CANDIDATURA DE CUNHA LEAL!
FAÇAMOS REUNIÕES DE MASSAS ONDE SE DISCUTA A SITUAÇÃO ECONÓMICA E POLÍTICA!

APOIEMOS TODOS E FAÇAMOS QUE TODA A GENTE QUE CONHECEMOS APOIE E VÁ VOTAR NO CANDIDATO DA OPOSIÇÃO PARA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, SR. ENG.º CUNHA LEAL!

O jornal «O CAMPONÉS» não pode deixar de tomar posição quanto à candidatura Cunha Leal, por isso apela para todos os camponeses, desde os operários agrícolas até aos agrários não latifundiários, para que apoiem o Engenheiro CUNHA LEAL E VÃO VOTAR NELE NO DIA DAS ELEIÇÕES.

Uma poderosa movimentação e a luta democrática firme à roda da candidatura Cunha Leal serão passos dados para se modificar verdadeiramente a má situação em que nos encontramos, para se conquistar uma vida melhor e a Democracia. Precisamos das liberdades democráticas e da Democracia até para melhor podermos defender os nossos interesses económicos e pormos fim a esta vida de miséria.

VALOROSAS LUTAS CONTRA A FOME

Baleizão — Em fins de Dezembro, 195 trabalhadores foram despedidos das obras nas estradas. Os agrários diziam que em breve iam começar as mondas e que não teriam pessoal. Estes 195 trabalhadores fizeram uma concentração na Casa do Povo e exigiram continuar no trabalho. Foi-lhes prometido que tudo se resolveria até 16 de Janeiro. Os trabalhadores responderam que esperar até 16 de Janeiro era morrer de fome antes, que a situação tinha de ser resolvida rapidamente, que estavam dispostos a ir em marcha da fome com as suas famílias até Beja. A gente da Casa do Povo telefonou para Beja, donde lhes disseram para meterem 50 homens na estrada. Os trabalhadores não aceitaram esta manobra divisionista: que ou trabalhavam todos ou ninguém. Perante a sua firmeza e unidade as autoridades resolveram meter 100, e que até ao dia 16 meteriam os restantes. Isto foi aceite.

Depois de andarem todos de novo na estrada fizeram um abaixo-assinado e elegeram uma comissão de unidade para se avistar com o encarregado e pedir aumento de salários, conseguindo passar de 16\$70 para 17\$70. Mas os trabalhadores não se dão por satisfeitos com este pequeno aumento e lutam pelos 20\$00.

Na **APANHA DA AZEITONA** numerosos foram os aumentos de salários obtidos também pela luta unida de todos os trabalhadores.

Em S. Cristóvão, Alcórrego, Aviz, Pias, Borba, Extremoz, Sousel, etc, os homens conquistaram 24, 25 e 30\$00 e as mulheres 13 e 14\$00. Em

Borba algumas mulheres conquistaram os 15\$00.

Na **LIMPEZA DAS ÁRVORES** em Valongo, Benavila, Grândola, S. Cristóvão, Canal Caveira, Cercal, Odemira, etc. devido à sua unidade vários ranchos conquistaram desde os 20 até aos 27\$00.

Também vitórias foram já alcançadas nas **MONDAS**:

Em **AVIZ**, Baleizão e outras terras realizaram-se várias reuniões de muitas dezenas de trabalhadores com a participação de jovens e de mulheres onde se assentou a jorna a pedir nas mondas e a luta pela jornada de 8 horas. Em Aviz as mulheres já fazem meios dias a 8\$00. Em Baleizão os homens passaram de 17 e 18\$00 para 23, 24 e 25\$00 exigidos na Praça de Jornas. As mulheres passaram de 12\$00 para 13, 14 e 15\$00.

Évora — um rancho de 15 mulheres que andavam nas Quintas não aceitaram os 10\$00 e todas unidas conquistaram os 12\$00.

S. Cristóvão — O Luís Água Morna a meio da semana despediu um rancho de mais de 30 mulheres que mondava a 12\$00. As valentes camponesas exigiram que lhes fosse paga a semana toda e como actuaram unidas venceram.

PIAS — Na do José Madeira um rancho de 60 mulheres que andava a 12\$00 pediu mais. Como não lhes dessem despediram-se 51. O Madeira aumentou então para 13\$00. Algumas mulheres voltaram indo continuar a lutar por mais jorna. Nos seareiros, em Fevereiro, as mulheres já estavam a 16\$00 e havia esperanças de se conseguir mais:

Cuba — Em Fevereiro as mulheres já ganhavam 17\$00.

Val do Vargo — As mulheres conseguiram nas mondas os 20\$00 e os homens 25 e 26\$00. Esta jorna é geral. Poucos são os casos de mulheres a 18 ou 19\$00.

Nos **arredores de Beja** as mulheres também conseguiram os 20\$00.

Estas acções vitoriosas provam que o único caminho que pode conduzir a melhorar a situação dos trabalhadores é a sua luta firme e unida.

Os salários obtidos nas mondas provam que a palavra de ordem de «O CAMPONÉS» de não menos de 25\$00 para os homens e de 20\$00 para as mulheres era justa e correspondia ao sentir dos trabalhadores. Onde estes salários não foram obtidos são os próprios trabalhadores que dizem que se **livessem lutado mais firmemente** os teriam conquistado. **NÃO ESQUEÇAMOS ESTA LIÇÃO QUE AS GEIFAS ESTÃO À PORTA!**

ELEIÇÕES À PORTA...

Como se pode ver pelos jornais, os salazaristas andam numa movimentação doida de inaugurações insignificantes em comparação com o tanto dinheiro que nos sugam, desloçando-se diariamente a várias terras, o que é anúncio de ELEIÇÕES PRÓXIMAS, ora recentemente foram a ERMIDAS inaugurar a luz eléctrica, na presença de muito povo. No final houve vivas, mas nem uma só pessoa da massa do povo respondeu. Os fascistas ficaram de cara à banda e nariz de palmo, com este mau prenúncio eleitoral. Estiveram presentes pelo menos 8 Pides, o que também é um prenúncio...

**—AMNISTIA! AMNISTIA! AMNISTIA!
—VOTAI EM CUNHA LEAL!**



Vamos lá
conversar,
o Zé!

- Olá, Toino, então já de volta?
— O bom amigo Zé, até parece artimanha do diabo o nosso encontro com tanto que tenho para te contar.
- Desata já o saco, Toino.
- Vim mais cedo, Zé, porque pedi uma boleia a um caixeiro viajante. O raio do homem contou-me tantas coisas que me deixou espantado.
- Que te disse ele, Toino?
- Contou-me que nos Estados Unidos da América há já mais de 6 milhões de desempregados, que a produção de certas fábricas é só metade do que podia ser e que há muitas falências. Disse que na Inglaterra há quase meio milhão de desempregados. Isto segundo esses governos, porque há quem diga que é muito mais, que até os jornais cá têm falado disto. Nem que me partissem a cabeça, Zé, eu acreditava que em países tão ricos houvesse desemprego, crise e fome.
- Não te admires, Toino, são países capitalistas como o nosso, em que as grandes somas de dinheiro arrancadas ao suor dos trabalhadores são mal empregadas em material de guerra ou ficam nas mãos só de uns poucos ricos, o que arruína a economia e a saúde dos povos. Cá em Portugal só no ano passado gastaram-se 2 milhões e quinhentos mil contos em material de guerra e manobras militares. Vê, Toino, que riqueza haveria se os gastassem na economia do País e como todos os trabalhadores podiam ganhar bem e ter emprego e casas; era uma outra vida, não haveria fome nem desemprego, os nossos filhos poderiam ir à escola e ser bem tratados quando doentes. Essa crise que vai lá pelos Estados Unidos é própria do regime capitalista e irá causar grandes crises em todos os países que lhe estão ligados. Só os países do Campo Socialista já se libertaram destas misérias do capitalismo e poderão olhar o futuro com confiança.
- É curioso, Zé, o viajante também me disse isso e que o Salazar vai ter muitas dores de cabeça devido a esta situação. Contou-me também que a União Soviética está a fazer um imenso esforço para impedir uma 3.ª guerra mundial. Parece, Zé, que a União Soviética convidou os governos de todos os países para uma conferência onde os chefes do governo tratassem do desarmamento e da Paz.
- Sim, Toino, esse viajante falou verdade. Os povos do mundo inteiro odeiam a guerra que só lhes trás desgraça, luto e miséria, e querem o Entendimento, por isso devemos lutar pela Paz e obrigar o governo a apoiar a realização dessa conferência. Lembra-te, Toino, que só 2 bombas de Hidrogénio são mais do que suficientes para destruir todo o nosso belo Portugal. Que mais disse o viajante, Toino?
- Disse-me também, Zé, que o Sr. Eng. Cunha Leal era o candidato da oposição democrática nas eleições à Presidência da República. Será verdade?
- É verdade, Toino, e é nisso que temos de falar. É muito importante haver já um candidato, mas isso só não chega, temos muito que trabalhar para unir toda a gente à volta do candidato e nele ir votar no dia das eleições.
- Mas, Zé, falas em ir votar nele? Será que a Oposição vai mesmo até às urnas?
- Vai sim, Toino, pois se nós sabemos que somos a maioria que é que temos a reaar?
- Tens razão, Zé, com Salazar só está um punhado de grandes exploradores do nosso povo, mas será que eles e o seu governo se vão deixar vencer nas eleições?
- Já te disse, Toino, que vamos ter muito que trabalhar, esclarecer o povo, fazer reuniões, criar comissões de apoio ao candidato, abrir sédes, encher as pessoas de coragem e de energia para exigirem condições de seriedade nas eleições, e irem fiscalizar as votações, pois tudo isto é que há-de dar-nos a possibilidade de levar a melhor nas eleições.
- É assim mesmo, Zé, sem burlas ganhava o povo. Por isso o que o povo tem é que impedir as burlas. Olha ainda uma outra coisa, Zé, as ceifas estão à porta, que há a este respeito?
- Ainda bem que falaste nisso, Toino, porque a nossa vida será sempre o mais importante de que poderemos falar, e para mais num momento destes com as eleições à porta. A nossa malta, Toino, não pode esquecer as ceifas passadas em que uma grande parte não ceifou devido ao uso das máquinas.
- Ninguém esquece a miséria que passou e passa, Zé.
- Pois olha, Toino, que a situação este ano vai ser ainda pior, os agrários vão trazer mais máquinas e nós vamos ter que lutar mais firmemente ainda para que não fiquem braços sem trabalho que o mesmo é dizer bocas sem pão. Organizar bem esta luta é para nós coisa de muita importância. Os trabalhadores já têm uma grande experiência destas lutas, por isso devemos procurar que se façam desde já reuniões, muitas reuniões de massas para tratar o problema das ceifas e se assentar a jorna a pedir.
- Este ano, Zé, devido às eleições teremos melhores condições para tratar devidamente este problema.
- Isso mesmo, Toino, precisamos esclarecer muito a malta de que só através da luta por melhores salários, contra o desemprego, contra o uso das máquinas enquanto houver braços parados, pelas 8 horas de trabalho, etc., se forja a nossa unidade, e que só a unidade e a luta de todos nos trará a vitória. Se não fosse o tanto que temos lutado já teríamos morrido de fome. Precisamos que a política do nosso País se modifique para modificarmos a nossa situação de vez. Compreendes, Toino?
- Compreendo bem, Zé, por isso vou já daqui organizar reuniões de trabalhadores para discutirmos os problemas da nossa vida. E hoje mesmo hei-de falar-lhes também, assim como a uns democratas

nossos conhecidos, na necessidade de criarmos imediatamente uma comissão de apoio à candidatura do Sr. Eng.º Cunha Leal. Até à vista, Zé, que importa agora é ir trabalhar para que se possam ver depois os bons frutos.

A SITUAÇÃO DOS PEQUENOS LAVRADORES

A situação dos pequenos produtores de batata é lamentável. Estes labutadores da terra, em ruína permanente, fazem as suas sementeiras, empenhando-se para as crigar, na ânsia de tirar colheita que os compense das despesas e labutas. No fim, ou têm que vender o seu produto muito abaixo do custo ou dá-lo ao gado ou ficar com ele a apodrecer.

É o que está a acontecer este ano por todo o País. Produtores da batata dos distritos de Vila Real, Viseu, Guarda, Portalegre, Aveiro e de localidades dos distritos de Lisboa e Santarém reclamam o escoamento de milhares e milhares de toneladas de batata que mantêm armazenadas. Só no distrito de Vila Real estão em armazém 40 milhões de quilos de batata e destes metade no concelho de Chaves. Em Arrifana, Serzedo, Vila da Rua, Chaves, Guarda, Valpaços e por outros lados, os lavradores oferecem nos mercados a batata a \$50 e a \$40 e não a conseguem vender.

Os produtores não podem suportar tal situação e lutam contra ela.

No dia 8 de Janeiro cerca de 300 produtores concentraram-se junto do Grémio da Lavoura de Chaves, pedindo medidas a esse organismo. A polícia despertou a concentração por ordem da Pide, e foram presos 2 lavradores por umas horas. No dia seguinte a repressão continuou mas os lavradores conseguiram realizar uma reunião no Grémio. Realizaram ainda uma segunda reunião aonde nomearam uma comissão para se avistar com o ministro da Economia. O clero de Chaves mandou a Salazar uma representação sobre a batata.

Porque se pagará em Lisboa, Porto e noutros pontos do País a batata a \$50 \$60 o quilo enquanto apodrece noutros lados? Sucede isto porque o governo não autoriza a venda livre da batata pelos pequenos produtores para favorecer os grandes comerciantes deste produto. No início da campanha, a Junta recolheu uns milhares de vagões de batata, a seguir fez subir os preços e proibiu a circulação da batata em todo o País, de tal ma-

neira, que a deslocação de um saco de batata de uma região para outra é considerado contrabando. A organização destas roubafeiras é o papel dos grémios. Toda a gente vê que tudo era muito mais simples, se, por exemplo, um mercieiro de Lisboa pudesse comerciar directamente com o produtor, podia comprar-lhe as batatas por um preço compensador e vendê-las mais baratas do que o que estão. Vendiam-se assim todas as batatas num País que vive esfomeado. Ganhava o lavrador, comerciava-se mais, e ganhava o nosso povo.

Lutemos pois todos, como estão a lutar os produtores da batata de Chaves, contra as roubafeiras dos grémios e de toda a organização corporativa.

Que os produtores sejam autorizados a vender as suas batatas livremente!

Que os produtores possam reunir-se livremente!

1.º DE MAIO

(Continuação da 1.ª pág.)

Celebrar o 1.º de Maio é prestar homenagem a todos os gloriosos filhos da classe operária de todos os países que através dos tempos têm caído na luta pela melhoria da situação dos trabalhadores. Especialmente no 1.º de Maio recorda-se a luta pela jornada de trabalho de 8 horas.

Nos campos de Portugal trata-lha-se ainda de sol a sol, e o nível de vida do nosso povo é o mais baixo da Europa. O 1.º de Maio, que tão querido nos é, deve, por isso, ser também para nós uma data de luta pelas 8 horas de trabalho e por melhores salários.

Que o 1.º de Maio seja comemorado por toda a parte. Façamos pequenas e grandes reuniões em que recordemos o significado desta data e os nossos próprios heróis.

Os trabalhadores de todo o mundo são irmãos! Os trabalhadores de todo o mundo odeiam a guerra e amam a Paz!

VIVA A AMIZADE DE CLASSE DOS TRABALHADORES DO MUNDO INTEIRO!
VIVA A DEMOCRACIA! VIVA A PAZ!
VIVA O 1.º MAIO!

OS PEQUENOS LAVRADORES DE ESTARREJA LUTAM E VENCEM

Na freguesia de Canelas passa um riacho que vai desaguar no rio Vouga. O presidente da Junta de Freguesia combinou-se com os outros grandes proprietários dos arrozais e resolveram fechar a água do riacho.

Esta medida prejudicou seriamente a cultura do milho de muitos pequenos lavradores porque o excesso da água acumulada no riacho comessou a zlagar as suas culturas. Como os seus protestos não foram atendidos pelas autoridades do Concelho, unidos os pequenos lavradores resolveram elaborar uma representação que enviaram à direcção da Hidráulica do Mondego e para a qual recolheram perto de 100 assinaturas de porta em porta na freguesia, tendo o regedor assinado também.

A direcção da Hidráulica do Mondego mandou investigar o protesto e atendeu a justa reclamação dos pequenos lavradores, mandando abrir o riacho e obrigando os proprietários dos arrozais a escoar as suas águas regularmente.

Entusiasmados com a vitória alcançada os pequenos lavradores de Canelas unirão-se aos de Fermelã e elaboraram outra representação para a Junta Autónoma do Porto e Barra de Aveiro, protestando contra o alagamento dos campos pelas águas salgadas. Recolheram já para esta representação cerca de 130 assinaturas todas de pequenos lavradores, a Junta da Freguesia de Fermelã apoiou esta luta e pôs o carimbo da Junta na representação. Esperam obter também o apoio da Junta de Freguesia de Canelas.

Os pequenos lavradores das freguesias de Canelas e Fermelã, unidos na luta estão obtendo das autoridades a satisfação das suas justas reclamações e a acudir a pressão que sobre eles querem exercer os grandes proprietários. Este exemplo de unidade deve ser seguido por todos os pequenos e médios lavradores das Beiras e de todo o País, alargando assim a sua unidade na luta por melhores condições de vida nos campos.

ATENÇÃO! O PRÓXIMO «O CAMPEÃO» TRÁS O CADERNO REIVINDICATIVO DAS SEIFAS!

- 1 — A carestia da vida é maior este ano do que ano passado. LUTEMOS MAIS FIRMEMENTE AINDA PELOS 30500 PARA OS HOMENS E 32500 PARA AS MULHERES!
- 2 — Os agrários vão procurar empregar este ano mais máquinas do que ano passado. O desemprego, se não lutarmos, será maior. LUTEMOS MUITO MAIS AINDA, E MAIS UNIDOS, PELO TRABALHO PARA TODOS DURANTE AS CEIFAS. QUE AS MÁQUINAS NÃO SEJAM EMPREGADAS ENQUANTO HOUVER BRAÇOS PARADOS!
- 3 — Façamos CONTRATOS PARA AS CEIFAS, contratos livremente ditados entre os nossos representantes e os agrários, e garantidos pelas CASAS DO POVO, Instituto Nacional do Trabalho, etc.

Unidade e Luta! Luta e Unidade!